

2022.1 . Ano XXXIX . Número 43

# CALÍOPE

## Presença Clássica

*(separata 1)*



2022.1 . Ano XXXIX . Número 43

# CALÍOPE

## Presença Clássica

ISSN 2447-875X

*(separata 1)*

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas  
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
REITOR Denise Pires de Carvalho

CENTRO DE LETRAS E ARTES  
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

FACULDADE DE LETRAS  
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS  
COORDENADOR Rainer Guggenberger  
VICE-COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS  
CHEFE Simone de Oliveira Gonçalves Bondareczuk  
SUBSTITUTO EVENTUAL Fábio Frohwein de Salles Moniz

EDITORES  
Fábio Frohwein de Salles Moniz  
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL  
Alice da Silva Cunha  
Ana Thereza Basílio Vieira  
Anderson de Araujo Martins Esteves  
Arlete José Mota  
Auto Lyra Teixeira  
Ricardo de Souza Nogueira  
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO  
Alfred Dunshirn (Universitat Wien)  
David Konstan (New York University)  
Edith Hall (King's College London)  
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)  
Gabriele Cornelli (UNB)  
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)  
Isabella Tardin (Unicamp)  
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)  
Jean-Michel Carrié (EHES)  
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)  
Martín Dinter (King's College London)  
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autonoma de México)  
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)  
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA  
Templo de Selinunte (Sicília, Itália).

EDITORAÇÃO  
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISORES DO NÚMERO 43  
Arthur Rodrigues Pereira Santos | Fábio Frohwein de Salles Moniz | Felipe Marques Maciel | Fernanda Messeder Moura | Rainer Guggenberger | Vinicius Francisco Chichurra

REVISÃO TÉCNICA  
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Programa de Pós-Graduaao em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ  
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ  
[www.lettras.ufrj.br/pgclassicas](http://www.lettras.ufrj.br/pgclassicas) – [pgclassicas@letras.ufrj.br](mailto:pgclassicas@letras.ufrj.br)

# Helena entre culpa e inocência na literatura grega, de Homero a Isócrates<sup>1</sup>

Roosevelt Araújo da Rocha Júnior

## RESUMO

No presente texto, trato, de modo panorâmico, dos modos como a personagem Helena foi caracterizada na literatura grega antiga. Ora é apresentada como esposa adúltera causadora de um dos conflitos mais famosos da história, ora aparece como vítima dos caprichos dos deuses ou do destino. Em outras palavras, Helena surge tanto como culpada pelas mortes e pelos infortúnios de muitas pessoas, como inocente, ou até mesmo mais uma vítima das circunstâncias. Independentemente, trata-se de uma mulher extraordinária, em razão de sua beleza sem par, e também por ser a única personagem feminina filha de Zeus, além de ser uma das poucas humanas da mitologia grega a ser divinizada. Em consequência disso, Helena é uma personagem que tem grande influência na cultura ocidental, inclusive no Brasil, e acabou por se tornar o símbolo que nos faz pensar sobre os perigos da beleza extrema.

## PALAVRAS-CHAVE

Helena; Literatura Grega Antiga; Culpa e Inocência.

SUBMISSÃO 16.9.2021 | APROVAÇÃO 9.3.2022 | PUBLICAÇÃO 14.2.2023

DOI <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i43.46382>



uem é Helena? O que a define? De onde é? De Esparta ou de Troia? De quem é filha? De Tíndaro ou de Zeus? Ela é apenas uma simples mortal ou é uma representante extraordinária da raça feminina? Nesse último caso, o que ela teria, então, de tão extraordinário? Sua beleza, como é bem sabido. Além disso, Helena ficou famosa também porque muitos homens morreram numa longa guerra por causa dela. Mas ela seria imputável ou inocente? Todas essas questões podem ser colocadas quando tentamos entender essa personagem

emblemática não só da literatura grega, mas da cultura ocidental. Neste texto, apresentarei um breve panorama sobre o modo como Helena foi caracterizada na literatura grega, desde Homero (séc. VIII a.C.?) até Isócrates (séc. IV a.C.), passando por Hesíodo, Safo, Alceu, Íbico, Estesícoro, Ésquilo, Eurípides, Heródoto e Górgias.<sup>2</sup>

A princípio, podemos dizer que Helena é uma figura enigmática, dotada de beleza incomum e paradigmática. Porém, ela foi entendida como a *arkhé kakôn*, ou seja, “a origem dos males”, por alguns. Por outro lado, ela foi também considerada inocente por outros e, por isso, outra explicação foi dada para a origem da guerra de Troia: um *éidolon* teria sido levado em seu lugar para Ílion, e aqueus e troianos teriam lutado em virtude de uma ilusão. Helena, de certa forma, é um pouco de tudo isso e ainda mais, como veremos a seguir.

Para começar nossa investigação, poderíamos tratar de seu lugar de origem. Helena teria sido de Esparta, já que teria nascido na principal cidade da Lacônia e seria filha da rainha Leda e do rei Tíndaro. Porém, ficou mais conhecida como Helena de Troia, uma vez que foi para lá levada, à força ou não, por Páris, filho de Príamo, rei daquele lugar. Portanto, esse não seria um bom critério para começarmos a entender essa personagem.

Ainda sobre seu nascimento e tratando também da sua natureza humana e/ou divina, Helena, na verdade, seria filha de

Leda e Zeus,<sup>3</sup> que teria assumido a forma de um cisne para seduzir a esposa de Tíndaro. Por isso, conta-se que Helena teria nascido de um ovo<sup>4</sup> que poderia ser visto ainda no séc. II d.C. em Esparta, quando o geógrafo Pausânias (3.16.1) visitou a cidade.<sup>5</sup> Em outras fontes,<sup>6</sup> contudo, seus pais são Zeus e Nêmesis, e teria sido dada a Leda para que ela a criasse. Na *Iliada* (3.237-38), Castor e Polideuces (também conhecido como Pólux) já aparecem como seus irmãos e Hesíodo, no fr. 176 Merkelbach-West do *Catálogo das Mulheres*, nos dá os nomes das suas outras irmãs: Filónoe, Timandra e Clitemnestra. Além disso, esse texto de Hesíodo conta também que três filhas de Tíndaro, Timandra, Clitemnestra e Helena, foram adúlteras.<sup>7</sup>

É importante lembrar que, mesmo antes de chegar à idade adulta, Helena já desperta o desejo amoroso de heróis gregos. Teseu foi o primeiro homem a se interessar por ela e, por isso, ele a teria raptado quando ela era ainda uma menina (cf. Heródoto, 9.73; e Isócrates, *Elogio de Helena*, 18-19). Isso mostra que sua beleza já era notável desde a mais tenra idade.<sup>8</sup> Além disso, sabemos que, quando chegou a época de se casar, muitos heróis apresentaram-se como seus pretendentes (cf. Hesíodo, *Catálogo das Mulheres*, fr. 199, v. 2-3 e 9; fr. 204, v. 56-63). Para evitar conflitos entre eles, Tíndaro, o pai humano da heroína, fez com que eles jurassem que ajudariam aquele que recebesse Helena como esposa, caso ele precisasse de auxílio. Tíndaro aparentemente já estava prevendo que o marido da sua filha iria ter problemas. Por isso, quando Páris a roubou de Menelau, os antigos pretendentes formaram uma coalisão para invadir Troia e recuperar a esposa do futuro rei de Esparta (cf. escólio A à *Iliada*, 2.339, que cita Estesícoro). Como veremos a seguir, algumas versões contam que Páris e Helena teriam sido tirados do caminho que ia em direção a Troia e teriam ido para o Egito (cf. Heródoto, 2, v. 133-137). Helena, então, nunca teria ido para Troia, como Estesícoro disse (cf. fr. 192 PMG = Platão, *Fedro*, 243a), e a guerra de Troia teria acontecido por causa de um simulacro (cf. Platão, *República*, 586c).

Todavia, tratemos, primeiramente, da versão segundo a qual Helena teria realmente ido para Troia. Essa versão aparece no

texto mais antigo da literatura grega e da literatura ocidental, ou seja, a *Iliada*. A primeira vez em que Helena aparece é no canto III, v. 121-144, quando a deusa Íris, disfarçada de Laódice, uma das filhas de Príamo, vem avisar-lhe que a guerra acabou e que Páris e Menelau se enfrentarão em combate singular para decidir quem ficaria com ela. É importante salientar que Íris a encontra tecendo um duplo manto púrpura, no qual estava bordando cenas dos combates dos troianos contra os aqueus.<sup>9</sup> Ao ouvir a mensagem, Helena sente tanta saudade de sua terra natal, dos seus pais e do seu primeiro marido que chega a chorar. Aqui, já vemos o tema da culpabilidade de Helena e a questão da parcialidade ora favorável a um lado ora a outro já é mencionada também.

Depois de ser avisada e convidada a assistir ao combate, ela se dirige às muralhas de Troia, onde encontra os velhos troianos que não podem mais participar dos combates. Quando ela se aproxima deles, em *Iliada*, 3, v. 154-160, os anciões dizem que faz sentido que troianos e aqueus se batam e sofram tanto por causa de uma tal mulher. Eles a comparam a uma deusa, ao verem como ela é bela. Contudo, seria melhor que ela partisse, para que não fosse o motivo da ruína de Troia. Príamo, ao ouvir essas palavras (v. 161-165), chama Helena para que ela reveja o primeiro marido, os parentes e amigos. Ele, então, afirma: “Não és culpada de nada”. Foram os deuses que mandaram os aqueus para guerrear contra os troianos. Aqui, mais uma vez, surgem o tema da beleza extraordinária de Helena, que poderia até justificar uma guerra, e o tema da culpabilidade ou inocência de Helena.

Outro momento importante é aquele no qual Helena é chamada por Afrodite para se encontrar com Páris, depois que a deusa o salvou da morte que ele sofreria caso permanecesse no campo de batalha, enfrentando Menelau (*Iliada*, 3, v. 383-420). Essa terrível cena entre Helena e Afrodite mostra quão ambíguo e até mesmo sinistro tal relação poderia ser. Nesse trecho, Afrodite, disfarçada de uma velha serva espartana, chama Helena para encontrar Páris. Helena, talvez por ter, como filha de Zeus, algo de divino, reconhece a deusa, se enraivece e se recusa a ir se deitar com Páris. Afrodite se enfurece e a ameaça: contra ela a deusa



poderia provocar o ódio de troianos e aqueus. Aqui vemos encenado, pela primeira vez, o conflito entre Afrodite e Helena, que é algo compreensível, pois uma é a deusa do amor e a outra, em grande medida, é a encarnação e virá mesmo a ser cultuada como divindade relacionada à beleza. Helena, portanto, de certa forma, invade o campo de atuação de Afrodite e, por isso, representa uma ameaça a ela. Helena, que é intimidada e ameaçada por Afrodite, também pode ser vista como uma hipóstase – um duplo – da deusa. Mas, longe de justificar tal aproximação das duas, a lenda sugere, às vezes, um antagonismo entre elas.<sup>10</sup> Desenvolveremos essa discussão mais adiante.

Na sequência (*Ilíada*, 3, v. 432-436), Helena exige que Páris enfrente Menelau, mas tem medo que ele morra na batalha. Já vemos aqui que a heroína tem um caráter ambíguo, ora demonstrando paixão por Páris e submissão aos desígnios divinos, ora externando sua raiva por causa da sua situação. Difícil saber de que lado ela realmente está. Essa característica, a ambiguidade, se manifestará de outras formas mais adiante na discussão sobre outras fontes.<sup>11</sup>

Um último trecho da *Ilíada* a ser comentado encontra-se no canto VI, em v. 343-358, especialmente nos v. 357-358, nos quais Helena diz a Heitor que Zeus lhes havia concedido um triste destino, para que os aedos pudessem celebrá-los em suas canções. Logo, tudo teria acontecido para se tornar tema para os poetas. Nessa passagem vemos apresentado o tema do κλέος (*kléos*), da “glória”, tão importante em se tratando de heróis gregos. Nesse aspecto, Helena se equipara aos maiores guerreiros das narrativas homéricas: ela também terá sua parte de glória.<sup>12</sup>

Depois que Troia foi finalmente tomada pelos aqueus, Helena teria voltado para Esparta com Menelau, para retomar seu posto de esposa legítima, mãe e rainha. Essa, pelo menos, é a versão que encontramos no canto IV, da *Odisséia*. É o chamado “episódio espartano”, no qual Telêmaco buscará notícias sobre seu pai e completará parte da jornada que o tornará um adulto e um herói. Em Esparta, encontramos uma Helena diferente daquela que vimos em Troia, como veremos a seguir. Após chegar ao



palácio, Telêmaco é tratado de modo adequado, como um hóspede, mesmo desconhecido, deveria ser acolhido, segundo as tradições gregas: é banhado por servas, recebe roupas limpas e come, nesse caso, sentado ao lado de Menelau no grande salão ricamente ornamentado. Menelau fala das suas errâncias (inclusive pelo Egito), menciona a morte do seu irmão, Agamêmnon, e lembra de Odisseu, pai de Telêmaco, que muito sofreu. Esse relato causa grande dor no rapaz e ele chora. Logo depois chega Helena (v. 122 e seguintes), semelhante a Ártemis, e servas lhe trazem alguns objetos, dentre os quais um cesto de prata que ela havia recebido de presente no Egito.<sup>13</sup> Helena pergunta quem são os estrangeiros e menciona a guerra de Troia travada por sua causa, que tem 'olho de cão' (v. 138-146). Ela é a primeira a reconhecer o rapaz, devido à semelhança espantosa entre Telêmaco e Odisseu. Menelau fala da saudade e de como gostaria de ter Odisseu perto de si até a hora da morte. Todos então choram, entristecidos pelas palavras de Menelau. Helena, dita de Argos no v. 184, também chora. Pisístrato, o filho de Nestor, que estava acompanhando Telêmaco desde que ele saiu de Pilo, diz que tristeza não combina com banquetes e Menelau aceita a sugestão, elogiando a prudência do rapaz e do seu pai, Nestor, que tem muitos filhos sábios no seu palácio, diferente de Menelau, que só teve uma filha,<sup>14</sup> Hermíone, com Helena, que ficou estéril depois do parto, e Megapentes (cujo nome significa 'grande tristeza'), com uma serva. Eles, então, põem a tristeza de lado, lavam as mãos de novo, voltam a banquetear-se e Menelau deixa sua conversa com Telêmaco para o dia seguinte.

Helena, em seguida (v. 219-235), tem uma ideia para acalmar os ânimos: ela adiciona, no vaso de vinho, uma droga (*φάρμακον* – *phármakon*) que suprime a tristeza e a raiva (*νηπενθές τ' ἄχολόν τε* – *nēpenthés t'acholón te*) e faz esquecer de todos os males (v. 220-221). Essa droga poderosa foi um presente dado a Helena por Polidamna, uma mulher egípcia (v. 228-229).<sup>15</sup> Depois de fazer isso, ela conta o que aconteceu em Troia quando Odisseu entrou na cidade disfarçado de mendigo (v. 235-264) e diz que foi a única pessoa que reconheceu Odisseu, mas não revelou seu disfarce para nenhum dos troianos, guardando assim o seu segredo. Odisseu

conseguiu espionar na cidade e matou vários troianos. As mulheres troianas muito choraram, mas Helena diz que se regozijou, porque ela desejava voltar para casa, e atribui a culpa da sua loucura a Afrodite, deusa que a levou a abandonar sua filha e seu esposo. Importa aqui destacar que, na versão de Helena, ela estava do lado dos aqueus, já que não traiu Odisseu, e desejava voltar para Esparta, de onde partiu por causa de uma loucura causada pela deusa do amor.<sup>16</sup>

Contudo, Menelau conta outra história, aparentemente para apresentar sua esposa sob outra luz (v. 266-289). O tema do seu relato é também o elogio à sensatez de Odisseu. Porém, ele dá alguns detalhes a respeito de como Helena se comportou quando o rei de Ítaca estava dentro do cavalo de madeira junto a outros guerreiros aqueus que iriam surpreender os troianos. Ela se aproximou do cavalo chamando os heróis que ali dentro estavam imitando as vozes das esposas daqueles guerreiros para fazê-los sair antes da hora, o que iria colocar a perder o plano dos aqueus. Menelau, Diomedes e Odisseu logo se levantaram preparando-se para sair de dentro do cavalo, mas o filho de Laertes os conteve e impediu que saíssem. Anticlo tentou responder a Helena, mas Odisseu colocou a mão na sua boca a tempo. Nesse relato vemos duas coisas: por um lado, o poder de autocontrole de Odisseu, elogiado por Menelau, mas, por outro lado, vemos também que Helena, pelo menos naquele momento, queria que os troianos vencessem, mesmo depois da morte de Páris, já que ela estava acompanhada por Deífobo, outro filho de Príamo que se casara com ela depois da morte do irmão. Nesse episódio, Helena se comporta de modo similar às Sereias, pois, como elas, a filha de Zeus tenta atrair homens para a morte com a sua voz enganadora. Além disso, como os deuses e como certos heróis (Odisseu é o exemplo mais notável), ela consegue se disfarçar e iludir. Só mesmo outro mestre do disfarce, Odisseu, conseguiria evitar os males que os encantos de Helena poderiam causar.

É necessário, ainda, comentar brevemente outro episódio d a *Odisseia* (15, v. 160-181) no qual Helena aparece de modo relevante. Quando Telêmaco está se preparando para partir de

Esparta, depois de receber muitos presentes valiosos, uma águia aparece e captura um ganso que estava no pátio do palácio de Menelau. O filho de Odisseu pergunta ao rei se aquele sinal se referia a ele ou ao soberano espartano. Menelau demora um pouco para falar e, nesse momento, Helena toma a palavra e fala com a autoridade de quem sabe interpretar os sinais enviados pelos deuses: Odisseu voltaria para casa e castigaria os pretendentes assim como aquela águia que partiu voando pela direita matou o ganso. Helena aqui se comporta como alguém que tem uma ligação especial com os deuses e não por acaso, com certeza, Telêmaco diz que, quando chegasse em Ítaca, ele a invocaria como se fosse uma deusa (v. 181). O interessante é que, como será exposto, Helena foi realmente cultuada como uma deusa na Lacedemônia.

Vimos, então, que na *Odisséia* já encontramos referências a uma possível estadia de Helena no Egito. Isso nos faz pensar no que outras fontes nos dizem sobre a possibilidade de ela não ter ido para Troia. No *Catálogo das Mulheres*, atribuído a Hesíodo,<sup>17</sup> encontramos a primeira menção ao *eidolon* que teria sido levado por Páris para sua terra natal no lugar da rainha de Esparta. Falaremos disso mais à frente, quando falarmos de Estesícoro.

Antes, porém, é interessante aqui fazer alguns comentários sobre o que Alceu, Íbico e Safo nos dizem sobre Helena em alguns de seus fragmentos.<sup>18</sup> Alceu, no fr. 42 Voigt, diz que Helena causou amarga dor a Príamo e a seus filhos com a destruição de Troia. Algo muito diferente do que resultou da união de Peleu e Tétis, de cujas bodas nasceu Aquiles, o maior herói aqueu. Desse modo, o resultado da união de Páris e Helena foi a destruição de uma cidade e de sua população, enquanto que do casamento de Peleu e da deusa Tétis nasceu um filho excelente dentre os semideuses. No fr. 283 Voigt, Alceu conta que Helena, talvez excitada por Eros ou Afrodite, ficou enlouquecida pelo troiano que enganou o seu anfitrião. Ela abandonou sua filha e seu marido e muitos aqueus e troianos morreram por causa dela na planície de Ílion. Mas pelo menos a guerra foi uma oportunidade para Aquiles se alegrar e conseguir sua glória. Vemos então que Alceu, nesses

dois fragmentos, aproxima Helena de Aquiles e mostra ambos como as duas personagens mais importantes do ciclo troiano. Íbico, que viveu na segunda metade do séc. VI a.C., no fr. Fr. S151 *PMGF*, v. 5-11, também diz que Páris enganou seu anfitrião e que, em razão da beleza da loura Helena e por influência de Afrodite, e se tornou tema de canções. Safo, no fr. 16 Voigt, por outro lado, coloca o foco em outra questão: a beleza e o amor.<sup>19</sup> Helena, provavelmente por causa da beleza de Páris, foi extraviada por Afrodite e abandonou o marido, a filha e os pais. Contudo, acredito que Safo, de certa forma, isenta Helena de toda culpa ao dizer que ela praticou tais atos porque estava apaixonada e, assim, não seria imputável. Outros autores usarão argumentos semelhantes, como veremos.

Ademais, é imperativo tratar do modo como Estesícoro teria apresentado Helena em alguns dos seus poemas, especialmente nos fragmentos que fazem menção ao *éidolon* que teria ido para Troia no lugar da heroína.<sup>20</sup> Chegou até nós um fragmento do poema que tratava disso e é de senso comum a lenda relacionada a esse texto. Num primeiro momento, Estesícoro teria composto uma canção sobre a Guerra de Troia na qual ele atribuiria a culpa de todos os males a Helena e isso a teria enfurecido. Por esse motivo, o poeta teria sido castigado por ela e ficou cego. Pausânias (3.19.13) nos conta que um certo Leônimo de Crotona teria navegado até a ilha de Leuke (ou seja, a ilha Branca), e lá teria encontrado alguns heróis da Guerra de Troia, entre os quais estava Helena. Ela teria dito a ele que fosse até Himera, na Sicília, onde o poeta vivia, e dissesse a ele que tinha ficado cego em consequência da ira de Helena. Por essa razão, Estesícoro teria composto uma palinódia,<sup>21</sup> um poema para se retratar e aplacar a raiva de Helena. Depois disso, ele recuperou a visão. Possuímos três linhas, citadas por Platão, no *Fedro*, 243a (= Estesícoro, fr. 91a Davies-Finglass = 192 *PMGF*), que não fazem menção ao *éidolon*, mas deixam claro que Helena não foi para Troia:

*Não é verdade aquela história.  
Não foste em naves de belos bancos*

*Nem chegaste às torres de Troia*

Observamos, nesses versos, que Helena é apresentada como uma divindade que não pode ser ofendida, embora isso não tenha uma relação direta com o seu *éidolon*. Contudo, como uma deusa, Helena deve ser respeitada e mesmo cultuada. Talvez o fato de Helena ser reverenciada tal como uma divindade possa parecer espantoso, mas na região da Lacônia, encontramos indícios de tais atos. Esse culto tinha um caráter dúplice, já que ela era venerada como adolescente, perto de Platanistas (um bosque próximo da tumba do poeta Alcman e do santuário de Hércules) e como mulher adulta e deusa da beleza em Terapna, como destacou Calame.<sup>22</sup> O estudioso ainda observa que Helena apresenta uma certa ambiguidade, pois ora é honrada como adolescente (ligada a Ártemis) ora como mulher madura (relacionada a Afrodite e a Peitó, deusa que representa o convencimento). Helena é marcada por uma ambiguidade semelhante à de Ifigênia, alternando entre a adolescência e a idade adulta. Helena, em suas aventuras anteriores, é especialmente desejável, pois parece estar pronta ainda na sua infância, quando já é atraente, mas ainda não tem idade suficiente para se casar.<sup>23</sup> Em termos sociais, a ambiguidade de Helena decorre de suas repetidas uniões e, portanto, do fato de cruzar repetidas vezes a fronteira do matrimônio, que deve ser cruzada apenas uma vez. Do ponto de vista dos rituais sociais, a ambiguidade de Helena resulta do fato de ela ter tido vários “casamentos”: cruzou as fronteiras entre os estatutos sociais algumas vezes e isso só deveria acontecer uma vez; ou seja, quando uma mulher se casava, deixava de ser adolescente para se tornar adulta. Desse modo, toda vez que Helena iniciava um outro matrimônio, ela deixava de ser adulta para se tornar uma jovem novamente. E isso ia contra os costumes dos antigos helenos.<sup>24</sup>

Heródoto (2.112.1-120.5) não fala de *éidolon*, mas conta que Helena teria ido parar no Egito depois que ventos desfavoráveis teriam desviado o navio dos troianos comandados por Páris. Proteu, o rei mítico do lugar, teria retido Helena e os tesouros roubados pelos troianos em Esparta e depois mandou Páris

embora para Troia. Os gregos atacaram e destruíram essa cidade mesmo assim, sem saber que Helena e os tesouros de Menelau não estavam lá. No seu retorno, Menelau teria ido parar no Egito e lá ele encontrou sua esposa e os tesouros. Contrariando as regras da hospedagem, ele sacrifica duas crianças egípcias para que os ventos se tornassem favoráveis para ele voltar para Esparta e, por isso, foge para a Líbia com Helena. Essa história teria sido contada a Heródoto por sacerdotes egípcios e a veracidade disso seria confirmada pela existência de um templo consagrado à Afrodite Estrangeira, que seria, na verdade, Helena. Essa narrativa tem relação com a sequência de raptos de mulheres reportado por Heródoto no começo de seu livro (1.1.1-4.1). O historiador, além disso, apresenta seu próprio julgamento sobre o que aconteceu (2.120.5): mesmo que Helena não tenha ido para Troia, os troianos precisavam ser punidos pelas suas más ações e, como ela foi assimilada a Afrodite, Helena não teve culpa pelo ocorrido.<sup>25</sup>

Na tragédia, por outro lado, de forma geral, Helena é apresentada como culpada, como responsável pela perda de inúmeras vidas de aqueus e de troianos. Nas peças do chamado Ciclo Troiano, Helena é sistematicamente tratada como o mal exemplo da mulher traidora. É famosa a passagem do *Agamémnon*, v. 688-690, de Ésquilo, na qual o autor faz um jogo de palavras entre o nome da heroína e a raiz do aoristo ἔλον- (*belon-*), do verbo αἰρέω (*hairéo*), que significa “capturar” ou “destruir”. Por isso, ela é chamada de ἑλένας (*helénas*), destruidora de navas, ἔλανδρος (*hélاندρος*), destruidora de homens e ἐλέπολις (*helépolis*), destruidora de cidades. Além disso, no v. 1455, da mesma peça, Helena é chamada de destruidora de homens e de cidades, mais uma vez.<sup>26</sup> Nas peças de Eurípidés que fazem parte do Ciclo Troiano, Helena também é constantemente vilipendiada.<sup>27</sup> Contudo, em algumas tragédias, Helena chega a ter a oportunidade de se defender ou de ser defendida. Nas *Troianas* (v. 906ss.), Helena e Hécuba travam um violento *agón* (um debate, neste caso, bastante acirrado), no qual a própria rainha de Troia pede para ouvir a esposa de Menelau, acreditando que ela é indefensável e morrerá de qualquer modo. Helena, em sua defesa, diz que os primeiros culpados são a

própria Hécuba, por ter dado Páris à luz, e Príamo, por não ter matado o filho sabendo do mau agouro que pesava sobre ele. Menelau também seria culpado, por ter deixado Páris em seu palácio para ir fazer uma viagem a Creta (v. 943-944). Helena saiu de casa levada por Afrodite, deusa que é mais forte até do que Zeus (v. 948-950). Ela teria tentado fugir para Argos, depois da morte de Páris, mas Deífobo não permitiu que ela fosse embora (v. 951-960). Por isso, não seria justo Menelau matar Helena. Hécuba (v. 969-1032) rebate cada um dos argumentos de Helena e parece vencer o debate, mas Menelau não pune sua esposa como as troianas esperavam.

Em outras peças, mesmo naquelas em que, de modo geral, Helena é apresentada de maneira negativa, encontramos passagens favoráveis a ela. No *Orestes* (v. 1684-1690), Eurípides faz menção à apoteose da heroína, onde Apolo diz que conduzirá Helena para o palácio de Zeus, onde, junto a Hera e Hebe, ela será honrada com libações como uma deusa para sempre. E junto com seus irmãos, Castor e Pólux, ela será uma protetora dos navegantes. Outro passo interessante, de uma tragédia de Eurípides, que isenta Helena de culpa, são os v. 1280-1283, da *Electra*: Helena não foi para Troia, mas estava no Egito. Zeus mandou uma imagem, um *éidolon*, para Ílion, no seu lugar, para que houvesse guerra entre aqueus e troianos. Além dessas passagens que mencionam a divinização e a inculpabilidade de Helena, Eurípides compôs uma tragédia inteira tratando do tema do falso rapto da rainha de Esparta. Retomando o motivo de *éidolon*, já mencionado em fragmentos de Hesíodo e Estesícoro, Eurípides desenvolve essa temática na tragédia *Helena*, inocentando, por fim, a heroína.<sup>28</sup>

Entre os professores de retórica e oradores parece ter sido uma prática recorrente a composição de discursos em defesa de personagens míticas que seriam “indefensáveis” como uma espécie de treinamento para debates reais em disputas que com frequência aconteciam nos tribunais e nas assembleias. Górgias (c. 485-380 a.C.), com o seu *Elogio de Helena*, é um representante desse tipo de discurso, no qual o que estava em jogo, acima de tudo, era provar que a linguagem é muito poderosa. A seguir, apresento um resumo



do conteúdo desse discurso:<sup>29</sup> os que criticam Helena estão errados. Seu nome traz a memória de infortúnios. Mas ela não é responsável. Ela tem erroneamente uma má reputação. É preciso suprimir a ignorância e denunciar os enganos. Seu pai humano, Tíndaro, foi o mais forte dos homens e seu pai divino, Zeus, o senhor absoluto de todas as coisas. Sua beleza era divina. Inflamou muitos com muitos desejos passionais. Mas por que foi justo Helena ir para Troia? Ela foi levada pela força da fortuna ou pelos desígnios dos deuses e da necessidade (o mais fraco se submete ao mais forte); ou foi levada à força; ou seduzida pelas palavras (os discursos são poderosos); ou capturada pela paixão (Eros). Logo, ela é inocente.

Isócrates (436-338 a.C.) também, e talvez em resposta ao discurso de Górgias que tem o mesmo título, compôs um *Elogio de Helena*.<sup>30</sup> Em suma: Helena se distinguiu muito por sua origem, beleza e fama. Dentre seus muitos filhos, Zeus julgou ser digno de ser chamado pai somente por ela.<sup>31</sup> Ele preferia Helena a Héracles, este dominava os outros pela violência; aquela, pela beleza, a qual comanda a própria força. Mas Zeus sabia que as glórias e os esplendores surgem das guerras e das disputas. Por isso, fez da natureza de Helena célebre e digna de ser disputada. Primeiro Teseu fraquejou por sua beleza. Ele não era um homem comum, mas distinto. E tinha a virtude completa. Este é o maior elogio que se pode fazer a Helena: demonstrar que aqueles que a amaram e a admiraram são mais dignos de admiração do que os outros (entre 18 e 38, Isócrates faz um longo elogio de Teseu para mostrar que, se Helena conquistou um homem tão virtuoso, então ela merece ser elogiada). No julgamento sobre qual era a deusa mais bela, Páris escolheu Afrodite, porque ela lhe prometeu Helena e não haveria nada mais valioso do que ser genro de Zeus. E as deusas escolheram o melhor juiz, ou seja, Páris, porque ele se distinguia pela sua inteligência. Os mais valorosos heróis aceitaram lutar por causa de Helena: a terra onde ela morasse seria a mais afortunada. Os deuses enviaram seus próprios filhos, sabendo que eles iriam morrer, e eles próprios participaram das batalhas. Ela se destacou por sua beleza e essa é muito valorizada entre humanos e deuses.

Por causa de sua beleza, se tornou imortal e tornou Menelau imortal também. Em razão disso, eles eram cultuados como deuses em Esparta. Helena tirou a visão de Estesícoro quando ele a vilipendiou e a restituiu quando compôs sua *Palinódia*. E ela teria inspirado Homero a compor a *Ilíada* para tornar imortal a glória dos heróis que morreram em Troia (*Ilíada*, 6, v. 357-358). E ainda, por causa de Helena, os gregos não se tornaram escravos dos bárbaros, pois eles se uniram pela primeira vez para lutar por ela e assim a Europa ergueu um troféu na Ásia. E ainda haveria muito mais coisas a dizer para elogiar Helena.

Para finalizar, podemos concluir dizendo que Helena é um tema sobre o qual vale a pena conversar ou cantar.<sup>32</sup> Por isso, mesmo depois de tantos séculos, ainda estamos falando dessa personagem extraordinária. Tanto assim que é difícil dar respostas unívocas para as perguntas colocadas no começo. Certamente, o que a define é sua beleza incomum. Porém, ela não pertence a um só lugar, seja ele Esparta ou Troia, o Olimpo ou as Ilhas Brancas. Ao mesmo tempo mulher mortal e deusa, ela parece estar ora do lado dos aqueus, ora aparenta estar do lado dos troianos. Por fim, como uma personagem trágica, assim como Édipo ou Medeia, é difícil decidir se ela é culpada ou inocente pela guerra e por tanta infelicidade. Dizendo de outro modo, Helena é uma personagem enigmática e ‘aberta’,<sup>33</sup> ao mesmo tempo, justamente porque nos oferece a possibilidade de interpretá-la de variadas formas.

Essas variações se encontram até hoje na cultura moderna, em filmes, romances e histórias em quadrinhos.<sup>34</sup> A cultura brasileira também não ficou imune a essa ‘contaminação helênica’. Encontramos nossa heroína em canções como *Mulher nova, bonita e carinhosa*, de Zé Ramalho, cantada por Amelinha; na literatura de cordel;<sup>35</sup> e mesmo representada nas telas de televisão pelas várias ‘Helenas’ das novelas de Manuel Carlos, para quem Helena de Troia é uma mulher forte, decidida e multifacetada.<sup>36</sup> Encontramos Helena mesmo quando ela é representada por uma personagem feminina que tem outro nome, mas tem as suas características, como a *Dassanta* (canção do *Auto da Catingueira*), de Elomar: “Dassanta era bunita qui inté fazia horrô/ no sertão prú via dela/

muito sangue derramô”; ou a mulher sem nome da canção *São demais os perigos desta vida*, de Vinícius de Moraes e Toquinho: “Tão linda que só espalha sofrimento”. Helena, de tão bela, deixou de ser mulher e tornou-se deusa. Tornou-se, então, imortal e ultrapassou as fronteiras do tempo e das culturas.<sup>37</sup>

ABSTRACT

In the present text I discuss, in a panoramic way, the ways in which the character Helena was characterized in ancient Greek literature. Sometimes she is presented as an adulterous wife who caused one of the most famous conflicts in history, other times she appears as a victim of the whims of the gods or fate. In other words, Helena appears as both guilty of the deaths and misfortunes of many people, as innocent, or even just another victim of circumstances. Regardless, she is an extraordinary woman, because of her unparalleled beauty, and also because she is the only female character who is the daughter of Zeus, in addition to being one of the few human beings in Greek mythology to be deified. As a result, Helena is a character who has great influence on Western culture, including Brazil, and ended up becoming the symbol that makes us think about the dangers of extreme beauty.

KEYWORDS

Helen; Ancient Greek Literature; Guilt and Innocence.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Duas versões “opostas” sobre Helena em Troia: a sua própria e a de Menelau (*Od. IV*, 235-289), In: **Anais de Filosofia Clássica**, v o l . 2 2 , n . 2 3 , 2018, p . 4 9 - 6 7 . C f . <https://revistas.ufrj.br/index.php/FilosofiaClassica/article/view/23527/13538>

AUSTIN, Norman. **Helen of Troy and her Shameless Phantom**. Ithaca and London: Cornell University Press, 1994.

BETINI, Paloma Flavio; RAGUSA, Giuliana. As quatro Helenas de Estesícoro: a representação da heroína nos fragmentos de Helena, Palinódia(s), Saque de Troia e Retornos. In: **Codex**: Revista de Estudos Clássicos, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2021, p. 74-93.

BETTINI, Maurizio; BRILLANTE, Carlo. **Il mito di Elena**: immagini e racconti dalla Grecia a oggi. Torino: Einaudi, 2002.

BLONDELL, Ruby. **Helen of Troy**: Beauty, Myth, Devastation. Oxford: Oxford University Press, 2013.

CALAME, Claude. **Les Choers de jeunes filles en Grèce ancienne**: morphologie, fonction religieuse et sociale (Les parthénées d’Alcman). Paris: Les Belles Lettres, 2019. [2a edição francesa].

\_\_\_\_\_. The Abduction of Helen and The Greek Poetic Tradition: Politics, Reinterpretations and Controversies, In: DILL, Ueli; WALDE, Christine (Eds.) **Antique Mythen**: Median, Transformationen und Konstruktionen. Berlin: De Gruyter, 2009, p. 645-661.

\_\_\_\_\_. Relations of Sex and Gender in Greek Melic Poetry, In: MASTERSON, Mark; RABINOWITZ, Nancy Sorkin; ROBSON, James (Eds.) **Sex in Antiquity**: Exploring Gender and Sexuality in the Ancient World. New York: Routledge, 2015, p. 198-213.

CLADER, Linda Lee. **Helen**: The Evolution from Divine to Heroic in Greek Epic Tradition. Leiden: Brill, 1976.

DAVIES, Malcolm; FINGLASS, Patrick J. Stesichorus. **The Poems**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

DE SANCTIS, Dino. **Il canto e la tela**: le voci di Elena in Omero. Biblioteca di studi antichi, 98. Pisa e Roma: Fabrizio Serra Editore, 2018.

DINUCCI, Aldo (org.) **Górgias de Leontinos**. São Paulo: Oficina do Livro, 2017.

EDMUNDS, Lowell. **Stealing Helen**: the Myth of the Abducted Wife in Comparative Perspective. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2016.

FRONTISI-DUCROUX, Françoise. **Ouvrages de dames**: Ariane, Hélène, Pénélope. Paris: Seuil, 2009.

HUNTER, Richard. **The Measure of Homer**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

JACKSON, Peter G. **The Transformations of Helen**: Indo-European Myth and the Roots of the Trojan Cycle. Dettelbach: Röhl (Münchener Studien zur Sprachwissenschaft. Beiheft. Neue Folge 23), 2006.

LACERDA, Ticiano Curvelo Estrela de. **Contra os Sofistas e Elogio de Helena de Isócrates: tradução, notas e estudo introdutório**. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas – DLCV – FFLCH – USP, 2011.

LYONS, Deborah. **Gender and Immortality**: Heroines in Ancient Greek Myth and Cult. Princeton: Princeton University Press, 1997.

MAGUIRE, Laurie E. **Helen of Troy**: from Homer to Hollywood. Oxford: Willey-Blackwell, 2009.

MATELLI, Elisabetta. La materia di Elena e del suo doppio: le derive artistiche di un mito, In: **Itinera**, n. 9, 2015, p. 28-46. Disponível em: <<https://riviste.unimi.it/index.php/itinera/article/view/4789>>. Último acesso: 14 fev. 2023.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. Releituras da Ilíada: a Guerra de Troia em versos de cordel. In: **Philia**: Jornal Informativo de História Antiga, Rio de Janeiro, Ano XVI, n. 51, jul./ago./set. 2014, p. 5.

MOLES, Francesco. Εἰ καλὸν τὸ δυστυχές: the ‘new’ Helén beauty from Stesichorus to Euripides. In: REID, Heather L.; LEYH, Tony (eds.). **Looking at Beauty to Kalon in Western Greece**: Selected Essays from the 2018 Symposium on the Heritage of Western Greece. Sioux City, Iowa USA: Parnassos Press – Fonte Aretusa, 2019, p. 51-64. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/j.ctvcmxpn5.7>>. Último acesso: 14 fev. 2023.

<sup>1</sup> Agradeço ao professor Luiz Ernani Fritoli pelo convite para apresentar uma primeira versão deste texto no evento de extensão “Ela, a poderosa - a personagem feminina na literatura mundial”, realizado na Universidade Federal do Paraná em 2018.

<sup>2</sup> Por causa da limitação do número de páginas aqui, não poderei aprofundar a análise de várias questões, mas recomendo a leitura de Austin (1994) e Blondell (2013) ao leitor interessado. Sobre as possíveis origens indo-europeias do mito de Helena, ver Jackson, 2006, p. 33-94 e Edmunds, 2016, p. 187.

<sup>3</sup> Helena é a única mortal chamada “Διὸς κόυρη” (*Diós kouíre*) – um epíteto que compartilha com Atena, Ártemis e Afrodite -, além de ser a única heroína filha de Zeus. Na verdade, seu *status* é ambíguo e ela é às vezes considerada divina. Sobre isso, ver Clader, 1976, p. 54.

<sup>4</sup> “Só Helena tem uma concepção distinta (e divina), e seu nascimento a partir de um ovo é o mais notavelmente não-humano entre os nascimentos dos heróis. Helena é a única filha mortal de Zeus. Sempre anômala, ela é mostrada emergindo de seu ovo, em algumas pinturas em vasos, parecendo mais uma mulher em miniatura do que um bebê”. Sobre isso, cf. LYONS, 1997, p. 63, de onde tirei os comentários citados aqui.

<sup>5</sup> Sobre a o ovo de Leda, ver também Ateneu, 2.57f.

<sup>6</sup> *Cypria*, p. 24 Kinkel. Um resumo desse poema pode ser encontrado na *Chrestomathia*, de Proclo (autor do séc. IV d.C.). Sobre isso, ver HUNTER, 2018, p. 71. Cf. também Ateneu, 8.334c e Pausânias. 1.33.7.

<sup>7</sup> Cf. Calame, 2009, p. 648.

<sup>8</sup> Provavelmente a beleza é o melhor critério que podemos usar para começar a compreendê-la. Sobre isso, ver MOLES, 2019, p. 55. Calame (2019, p. 340), por sua vez, observa que Helena pode ser entendida como a encarnação da beleza sedutora.

<sup>9</sup> Sobre essa cena, Frontisi-Ducroux (2009, p. 60-63) diz que Helena pode ser comparada ao poeta, mas, diferente dele, ela não é inspirada pela Musa e, por isso, ela é narradora e protagonista ao tecer uma espécie de trecho da sua autobiografia, já que ela seria, ao mesmo tempo, a causa da guerra, uma atriz participante e pintora da história. Ver também CLADER, 1976, p. 6-9 e 32-34; AUSTIN, 1994, p. 37-39 e CALAME, 2009, p. 656-657. Ainda sobre esse trecho, conferir também DE SANCTIS, 2018, p. 23-69, que defende que as imagens bordadas por Helena no manto tecido por ela são semelhantes à narrativa também ‘tecida’ por Aquiles (κλέα ἀνδρῶν – *kléa andrón* –, as ‘glórias dos homens’, mencionadas na *Iliada*, 9, v. 185-197, e mais especificamente no v. 189), e aos poemas homéricos. Assim, Helena, enquanto tece, também conta histórias, como os aedos.

<sup>10</sup> Cf. LYONS, 1997, p. 96 e 138.

<sup>11</sup> Sobre a ambiguidade do caráter de Helena, ver AUSTIN, 1994, p. 83-86.

<sup>12</sup> Sobre isso, ver, por exemplo, BLONDELL, 2013, p. 67-68, e os comentários de Lyons (1997, p. 56) : “Mas é verdade, como a própria Helena sabe (*Iliada*, 6, v. 357-8), que ter uma história, que significa sofrimento, também significa ter um nome e ter *kléos* para sempre. Ela é, sem dúvida, a única heroína a exibir uma relação consciente com o *kléos*. Sem poder exercer escolha em nada, ela consegue ter *nóstos* (retorno), assim como *kléos* (embora a cena doméstica apresentada na *Odisseia* 4 sugira que *nóstos* e *kléos* estão um pouco comprometidos). Mas o mito de Helena é inusitado de várias maneiras e a capacidade de sobreviver tendo uma história pode ser apenas mais uma prova de sua divindade.”

<sup>13</sup> Chamo a atenção aqui para essas menções ao Egito, porque, depois, autores como Estesícoro, Heródoto e Eurípides podem ter sido influenciados por essa passagem para contar suas versões do rapto de Helena. Tratarei disso nas páginas a seguir.



<sup>14</sup> De acordo com a tradição mais conhecida, Hermíone foi a única filha que Helena teve com Menelau (cf. *Odisséia*, 4, v. 12-14) Mas outras versões contam que Ifigênia teria sido sua primeira filha nascida da sua união com Teseu (cf. Pausânias, 2.22.7). Cf. nota 23, abaixo.

<sup>15</sup> É importante destacar aqui que Helena se comporta como uma feiticeira, como Circe, ou como uma divindade, como Dioniso, cuja invenção, o vinho, por si só já tem o poder de tirar a tristeza. Sobre o poder lenitivo do vinho, por exemplo, ver Eurípidés, *Bacantes*, v. 423 e 773-774.

<sup>16</sup> Sobre esse episódio, ver ASSUNÇÃO, 2019, p. 51-56. Nesse artigo, Assunção trata também da dificuldade de determinarmos qual era a real posição de Helena no conflito entre aqueus e troianos: Homero a caracteriza de diferentes modos, na *Ilíada* e na *Odisseia*, e mesmo em diferentes momentos dentro dos poemas.

<sup>17</sup> Cf. fr. 358 Merkelbach-West e fr. 298 Most. Cf. também BETTINI; BRILLANTE, 2002, p. 133, sobre a importância desse fragmento. Ver também MATTELI, 2015, p. 30.

<sup>18</sup> Sobre esses fragmentos, cf. CALAME, 2009, p. 648-650 e CALAME, 2015.

<sup>19</sup> Esses temas aparecem também no fr. 23 Voigt de Safo, cujo texto está em estado bastante lacunar, o que impede que façamos maiores comentários aqui sobre ele.

<sup>20</sup> Cf. AUSTIN, 1994, p. 90-117; LYONS, 1997, p. 157-162; e BLONDELL, 2013, p. 117-123.

<sup>21</sup> Uma 'ode de volta', ou seja, uma nova ode que retifica o que ele disse antes na outra canção. Sobre isso, ver DAVIES; FINGLASS, 2014, p. 299-317; e BETTINI; RAGUSA, 2021, p. 75-85.

<sup>22</sup> CALAME, 2019, p. 333-334. Cf. também Heródoto, 6, 61ss. e Pausânias, 3, 7, 7. Cf. ainda CALAME, 2015, p. 203-204. Isócrates (*Elogio de Helena*, 63, 270d) diz que Helena e Menelau eram cultuados não como heróis, mas como deuses. Cf. ainda EDMUNDS, 2016, p. 164-186.

<sup>23</sup> Cf. LYONS, 1997, p. 161-162. Vale a pena conferir também o que Lyons diz sobre a relação entre Helena e Ifigênia. Helena, em algumas versões, seria a mãe de Ifigênia e não Clitemnestra. Pausânias (2.22.7) nos conta que Teseu fecundou Helena à força e o nome dela faria referência a essa relação violenta. Ifigênia tinha uma relação especial com Ártemis e Helena, em alguns rituais espartanos, "dançava" nos coros da deusa caçadora. Ifigênia e Helena são marcadas pela ambiguidade: uma é a protegida de Ártemis; a outra, de Afrodite. Mas essa proteção traz riscos para a mortal. Além disso, nem Ifigênia nem Helena cruzam com sucesso a fronteira entre a virgindade e o casamento.

<sup>24</sup> Ver LYONS, 1997, p. 138-139.

<sup>25</sup> Cf. CALAME, 2009, p. 650-652.

<sup>26</sup> Sobre o modo como Helena é tratada na *Oresteia*, cf. BLONDELL, 2013, p. 123-141.

<sup>27</sup> Essas peças são: *Andrômaca*, *Hécuba*, *Electra*, *As Troianas*, *Ifigênia em Tauris*, *Orestes e Ifigênia em Aulis*.

<sup>28</sup> Para uma discussão detalhada sobre essa peça, ver, por exemplo, AUSTIN, 1994, p. 137-203.

<sup>29</sup> Baseei-me aqui na tradução de Aldo Dinucci, publicada em DINUCCI, 2017, p. 67-74.

<sup>30</sup> Usei aqui a tradução de Lacerda (2011) como ponto de partida para este resumo e para minhas reflexões.

<sup>31</sup> A única heroína cujo pai é Zeus é Helena. Em geral, os deuses olímpicos parecem engendrar crianças do sexo masculino, mas nenhum tantas vezes quanto Zeus. Cf. LYONS, 1997, p. 93.

<sup>32</sup> Cf. CALAME, 2009, p. 658 e FRONTISI-DUCROUX, 2009, p. 81.

<sup>33</sup> No sentido empregado por Umberto Eco, em seu livro *Obra aberta*.

<sup>34</sup> Sobre as 'reencarnações' de Helena, ver, por exemplo, Maguire (2009).

<sup>35</sup> Cf. Menezes Neto (2014), a Guerra de Troia na Literatura de Cordel. Disponível em: <[https://www.academia.edu/10625978/MENEZES\\_NETO\\_Geraldo\\_Magella\\_de\\_Releituras\\_da\\_Il\\_%C3%ADada\\_a\\_Guerra\\_de\\_Tróia\\_em\\_versos\\_de\\_cordel.\\_Phil\\_%C3%ADa\\_Jornal\\_Informativo\\_de\\_História\\_Antiga\\_Rio\\_de\\_Janeiro\\_Ano\\_XVI\\_n.\\_51\\_p.\\_5\\_jul.\\_ago.\\_set.\\_2014](https://www.academia.edu/10625978/MENEZES_NETO_Geraldo_Magella_de_Releituras_da_Il_%C3%ADada_a_Guerra_de_Tróia_em_versos_de_cordel._Phil_%C3%ADa_Jornal_Informativo_de_História_Antiga_Rio_de_Janeiro_Ano_XVI_n._51_p._5_jul._ago._set._2014)>. Último acesso em: 14/02/2023.

<sup>36</sup> Sobre isso, cf. as seguintes páginas:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Manoel\\_Carlos#Helena](https://pt.wikipedia.org/wiki/Manoel_Carlos#Helena)

<https://oplanetatv.clickgratis.com.br/noticias/manoel-carlos-diz-que-tais-araujo-tera-uma-personagem-especial.html>. Último acesso em: 14/02/2023.

<sup>37</sup> Neste breve texto, tentei abordar rapidamente os temas principais relacionados à figura de Helena. Não pude aprofundar várias questões, por causa da limitação de páginas e de tempo, mas espero que os leitores interessados possam, a partir daqui, aprofundar suas pesquisas consultando a bibliografia citada.